

## Roteiro de um desfile carnavalesco para uma escola de samba do grupo especial no Carnaval do Rio de Janeiro 2013



Albert Dohmen como Wotan em *A valquíria*, Festival de Bayreuth, 2010 (encenação de Tankred Dorst)

No âmbito do Ano da Alemanha, o Instituto Goethe e a Câmara do Comércio Brasil-Alemanha desejam incorporar o tema “Alemanha” no Carnaval do Rio de Janeiro de 2013, uma das maiores festas populares do planeta, que goza de longa tradição, imensa repercussão midiática internacional bem como grande atratividade turística. De modo bem diferente do Carnaval alemão – que, nos igualmente esperados desfiles de rua de seus principais centros, se concentra em primeira linha na sátira política em geral sobre temas da política interna do ano anterior –, o Carnaval carioca aborda uma temática bem mais abrangente, de dimensão histórica, social, cultural e de outros campos. Para tal, ele coloca a ênfase mais em fórmulas arquetípicas, utilizando-se de um amplo espectro de metáforas, simbologias e alegorias.

Aqui também, o mito aparece sempre com destacada representação e efeito. O mito tem um importante papel em uma sociedade multicultural como a brasileira, com suas várias etnias e crenças, as múltiplas histórias de imigração, bem como os elementos culturais sincréticos e outros – também rituais anímicos – que seguem intensamente cultuados. O mito sempre é lembrado e mobilizado quando se desenvolvem déficits políticos e crises, que geram uma perda de orientação e perplexidade em (muitas vezes grande) parte da população e podem levar a situações socioeconômicas de pressão. São esses mesmos déficits que levaram Richard Wagner (1813-1883) a se aproximar da época da fundação industrial de meados do século XIX e de seus fracassos, em forma de drama musical artisticamente crítico, com seu trabalho de 25 anos na obra universal da tetralogia de *O anel do nibelungo*. Para isso, também Wagner lançou mão desse meio útil em todas as épocas que é o mito, e utilizou seu *Anel* para compor a sua mensagem, a partir de suas observações socialmente críticas de lendas e poemas heroicos germânicos, norte-europeus e islandeses.

No *Anel* aparecem fenômenos, metáforas e símbolos especificamente associados a um espírito alemão, que podem ser extremamente apropriados para um desfile carnavalesco no Rio de

Janeiro. Assim, por meio de relações atuais e históricas, é possível estabelecer referências das conquistas técnicas, científicas e culturais da Alemanha atual para um círculo maior e mais generalizado. Por meio do contexto artístico de uma grande obra wagneriana – sim, de seu *opus summum* –, essas referências podem ser formuladas de maneira muito mais sutil e profunda do que o fazem as normalmente muito rasas associações clássicas alemãs utilizadas, como técnica, automóveis, Michael Schumacher ou Sebastian Vettel, futebol, cerveja e coisas parecidas.

No *Anel* de Wagner uma série de mitos primordiais alemães exerce papel preponderante, como a floresta alemã, o tesouro, o dragão, a forja, o Reno como rio primordial, castelos, os incansáveis nibelungos e outros. Paralelamente a isso, há três níveis arquetípicos, que estão ordenados de forma hierárquica. O nível superior é formado pelos seres naturais. Eles são imortais, formam a base e a essência do cosmo: Erda, a mãe primitiva de todo ser (a enraizada Patschamama latino-americana); as três filhas do Reno como guardadoras do ouro do Reno, de quem o rio primordial Reno funciona simbolicamente como pai; e Loge, o Deus do fogo, o princípio da lógica ou da inteligência desemocionalizada.

O segundo nível é formado pelos deuses, que Wagner representa como os deuses germânicos pagãos e que estruturam os destinos da ordem mundial por eles formulada. Wotan (*Odin*, o senhor dos deuses), Fricka (deusa do matrimônio), Freia (deusa do amor ou da fecundidade), Donner (Thor, deus do tempo) e Froh.

O terceiro nível são as pessoas mortais, que em Wagner são criadas pelo relacionamento de Wotan com uma mulher mortal, assim como Siegmund e Sieglinde, bem como o seu filho Siegfried, o “herói germânico”. Ao lado deles existem as valquírias, que nascem de relacionamentos entre os três níveis mais que não podem ser consideradas pessoas. Além desses temos os gigantes, de estrutura mais simples, que vivem nas “costas da Terra”, e claro os aplicados nibelungos, anões míticos da antiguidade germânica, que são mineradores a procura das riquezas das profundezas da Terra. Eles exercem uma atividade que fez com que a Alemanha se tornasse uma grande nação industrial. Não por acaso foi na forja do nibelungo Mime que foi fabricada a espada “vencedora” de Siegfried, com a qual ele depois abate o dragão, destrói a lança ordeira do velho mundo de Wotan, desperta do sono a sua esposa Brünnhilde e assim parte para um futuro de grandes esperanças.

Um desfile de carnaval com o tema “Alemanha” deveria abordar os mitos primordiais citados acima, assim como os três níveis e as personagens que os definem, bem como os grupos mencionados que não se correlacionam com nenhum desses níveis. Para isso, entre as dez categorias de avaliação da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa), as seguintes cinco se adequariam especialmente: Comissão de Frente, Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Carros Alegóricos, Bateria, Ala das Baianas e alas específicas. Como deve ter no máximo oito carros alegóricos, parece natural distribuir cronologicamente as quatro partes do *Anel* –, “O ouro do Reno”, “A valquíria”, “Siegfried” e “O crepúsculo dos deuses” – nesses carros e abordar os demais temas em alas específicas no entorno. Um determinado carro deveria ser dedicado ao tema ópera, isto é, a uma obra específica das quatro partes da tetralogia.

## 1. Comissão de frente

Aqui, em princípio, poderiam entrar os deuses germânicos mencionados, uma vez que eles irradiam a paz e a soberania que a comissão de frente exige. No *design* de seu figurino, contudo, eles deveriam estabelecer uma relação com importantes alemães dos séculos XIX e XX. Ou seja, personalidades como Diesel e outros grandes inventores no campo da tecnologia, mas também das áreas científicas e artísticas, como Einstein, Max Planck, Goethe, Schiller, Richard Strauss; e ao lado de Bismarck eventualmente também dois políticos do pós-guerra, como Adenauer e Brandt etc.

## 2. Mestre-sala e porta-bandeira

Esses eventualmente poderiam ser o compositor Richard Wagner e sua mulher Cosima.

## 3. Carros alegóricos

### 3.1 “O ouro do Reno”

#### Primeiro carro alegórico

Um longo carro, não muito alto, que mostra uma parte do rio primordial Reno atravessando as profundezas da floresta alemã. Em suas margens brincam, com graça, as três filhas do Reno, em poucas vestimentas, de preferência as três com longos cabelos louros. À espreita, na extremidade do carro, o feio gnomo Alberich. O idílio da floresta alemã e da natureza intocada está ameaçado.

Entre o 1º e o 2º carro alegórico pode vir uma grande ala de nibelungos, na maioria pessoas de baixa estatura, também muitas crianças, que representam os incansáveis e zelosos nibelungos minerando no fundo da Terra (aplicação alemã como aplicação dos nibelungos). Nesse ponto é feita uma referência à arte alemã da forja e, de forma mais geral, à indústria transformadora.

#### Segundo carro alegórico

Este carro deve mostrar como o espírito de invenção alemão cria coisas construtivas a partir das riquezas naturais. Na parte frontal do carro o metal brilhante do tesouro dos nibelungos (brilhante como aço ou mesmo dourado). Na parte traseira encontra-se a forja, isto é, a forja de Mime, mostrando o engajamento alemão contribuindo para o desenvolvimento industrial, simbolizado por uma alusão à nova siderúrgica da Thyssen no Estado do Rio de Janeiro. Bem em cima pode aparecer também o logotipo, respectivamente nome Thyssen-Krupp. Em uma intensificação em relação à ala anterior dos nibelungos, que fazia referência à indústria transformadora, temos aqui representada a indústria pesada alemã.

Nesse carro também deveria ser feita uma referência a Loge como deus do fogo e o princípio do intelecto (conforme acima).

Atrás do segundo carro seguem lentamente dois grandes gigantes, que entrementes estão construindo o castelo Walhall de Wotan. Esse Walhall poderia ser mostrado por meio da maquete da Villa Hügel am Baldeney-See (antiga e honrada cultura industrial alemã). Eventualmente os gigantes poderiam ser apresentados de forma a estabelecer associações com os irmãos Grimm, os grandes escritores alemães de contos de fada.

### 3.2 “A valquíria”

#### Terceiro carro alegórico

Este carro deveria ser dedicado ao tema do amor e do romantismo: trata-se da grande paixão entre Siegmund e Sieglinde. Um alemão louro – o melhor seria Siegfried Beyer como exemplo de um esportista de sucesso conhecido internacionalmente – bem como Marlene Dietrich, como associação à grande época do cinema alemão, podem ser vistos neste carro.

O carro alegórico poderia fazer referência à felicidade e ao modo de vida simples, um retrato da comodidade alemã, do lar conhecido, que apesar de provinciano sempre representou uma força interna alemã, determinante para a reconstrução após a guerra. Portanto, talvez uma casinha familiar, com um jardim na frente, como aquelas que surgiram em grande quantidade nas periferias das cidades no bojo da época da bonança alemã dos anos pós década de 1960. Os dois personagens podem ser vistos aí; ela rega o novo canteiro de flores do jardim, ele adestra o cãozinho... Por respeito à verdade, a cena também deveria conter algo do espírito alemão contido no “deutscher Michel”.



“Parsifal”, Festival de Bayreuth 2004 (encenação Christoph Schlingensief)

Depois desse carro, deveria vir uma ala de gaúchas, para documentar a significativa imigração alemã no Sul do Brasil. Claro que aqui também o louro dos cabelos deveria ser preponderante.

#### Quarto carro alegórico

Este carro ocupa uma posição especial, uma vez que ele é dedicado ao tema ópera em si. Na parte posterior, o carro apresenta como destaque o deus germânico Wotan montando o seu cavalo de oito patas, Sleipnir. Com a lança empunhada – a lança da ordem mundial com as

runas entalhada –, Wotan incita, na Walstatt, as oito valquírias à caça de corajosos heróis. Antes dele, à esquerda e à direita, respectivamente uma fila de quatro cavalos, sobre os quais as atraentes valquírias encenam, com grande graça, a assim chamada cavalgada das valquírias. Aí sem dúvida poderiam participar grandes destaques, como Ana Hickman, Gisele Bündchen, *promotoras* etc. Os cabelos deveriam ser de louros a avermelhados. O carro deve irradiar grande dinâmica e energia.

Richard Wagner deveria estar presente com um busto ou um personagem. A parte traseira do carro poderia ser a vista da fachada do teatro Bayreuther Festspielhaus. Assim, três temas estariam unidos em um mesmo carro. A ópera em si, a mais conhecida e mais amada obra do *Anel*, isso é, *A valquíria*, e o tradicional local de apresentação das obras de Wagner, Bayreuth.

### 3.3 “Siegfried”

Siegfried nasce da união de Siegmund e Sieglinde como homem independente e “livre”, sem as culpas de seus ascendentes. Assim, ele também tem a capacidade de encontrar soluções novas, justamente tecnológicas. Em razão disso, os carros para “Siegfried” deveriam sugerir a imagem de uma Alemanha do desenvolvimento tecnológico, dos princípios até a atual tecnologia ecológica.

#### Quinto carro alegórico

Na parte da frente do carro vemos a cozinha da bruxa de Mime, um laboratório químico, no qual o anão, a partir de antigas fórmulas herdadas, tenta forjar a espada de Siegfried. Em vão. Faíscas, luzes, trovões, mas nada dá certo. Na parte de trás vemos Siegfried, como ele, com os mais modernos recursos tecnológicos – sem ruído, de modo cirurgicamente limpo e ecologicamente sustentável –, cria uma nova espada. E não a partir de pedaços de metal, mas preferencialmente de *composite material* (a palavra chave é “novos materiais”, como o material artificial do Boeing 787 Dreamliner e do novo Airbus A 350). Nesse carro deveria ser possível ver ainda algumas áreas preservadas de floresta alemã, já que ela tem um importante papel no *Siegfried*. Mas ela está confinada pela civilização alemã.

Atrás deste carro deve vir então o dragão, bem como a representação de seu encontro com Siegfried, que deixará claro que a velha tecnologia não terá mais chances de sobrevivência diante da nova. Portanto, teria de ser construída uma estrutura correspondente que dê sentido a essa ideia, dependendo das circunstâncias uma associação com o lendário Zeppelin, que em 1930 esteve no Rio de Janeiro pela primeira vez.

#### Sexto carro alegórico

Este carro deve ser uma espécie de carro tecnológico, que apresenta simbolicamente as mais modernas conquistas tecnológicas alemãs do pós-guerra, até as usinas de geração de energia solar e eólica. Portanto, dois ou três cataventos sobre a floresta alemã do primeiro carro, células solares nas laterais do carro. Além disso, deveria ser possível ver uma fórmula de Einstein, eventualmente uma da teoria da relatividade. É possível mostrar um novo processo técnico-industrial; o melhor seria uma unidade de montagem robotizada da uma indústria automobilística, por exemplo, como um braço mecânico suspende um para-brisas e, com um rápido e elegante movimento, o encaixa na carroceria. Este carro poderia levar o título de “Tecno-Germânia” ou “Eco-Germânia”.

Em seguida poderíamos ter uma pequena ala com Michael Schumacher ou Sebastian Vettel, juntos de um carro de fórmula 1. Um dos pilotos deveria ser convidado como destaque.



Na sequência, seria a vez da ala das baianas, um grupo de baianas mais idosas vestidas na tonalidade marrom-terra, que, diante de todo esse avanço técnico, fariam um contraponto advertindo para os limites do crescimento e a provocação da natureza pelo homem. Elas respondem pelo princípio do ser, bem como pela atenção às leis da natureza.

### 3.4 “O crepúsculo dos deuses”

Como “O crepúsculo dos deuses” em Wagner, também a visão alegórica do Carnaval carioca sobre esta obra deveria levantar principalmente conteúdos políticos. Assim é possível, a partir dos elementos mitológicos das unidades anteriores, remeter para a Alemanha como ela se apresenta nos dias de hoje.

#### Sétimo carro alegórico

O primeiro carro alegórico do “Crepúsculo dos deuses” apresenta Berlim em chamas e a queda do muro. Com isso, ele deve mostrar os dois marcos políticos importantes da Alemanha, que introduziram uma guinada temporal fundamental, mesmo que dessa maneira não se mantenha a coerência cronológica em relação ao segundo carro de “Siegfried”. Significa que vemos a catedral berlinesa desabando, a porta de Brandemburgo destruída, também a destruição da ilha de museus (entre outros o Museu Bode). Eventualmente também a ruína atual da torre da igreja da memória Kaiser-Friedrich. Atrás estão a demolição do muro de Berlim e o trabalho das pessoas com as picaretas. Algumas também deveriam estar de pé em cima do muro, como nas imagens de televisão de 1989.

Depois desse carro alegórico segue uma grande ala com jovens artistas berlinenses, representando a cena artística em desenvolvimento na Berlim livre e moderna. Teremos então pintores com cavaletes e pincéis, jovens arquitetos com suas maquetes, escritores com seus livros etc.

#### Oitavo carro alegórico

Este carro apresenta a nova Berlim nos dias de hoje. Vê-se a porta de Brandemburgo claramente iluminada, a ilha de museus intacta com o Museu Bode, a nova Potsdamer Platz com a característica central da companhia ferroviária Bundesbahn e a cúpula da Sony, mas também o parlamento Reichstag e seu teto de vidro. Este carro, portanto, representa o final e a perspectiva positiva, que Wagner escreveu nos compassos conclusivos do “crepúsculo dos deuses” e indicou em suas instruções de direção.



Escola de Samba Portela, Rio de Janeiro

Organizar um desfile de escola de samba no Rio de Janeiro com o tema da tetralogia de Richard Wagner em 2013 é muito apropriado exatamente nesse ano. Em 2013, Richard Wagner completaria 200 anos, e essa efeméride será festejada no mundo inteiro com novas encenações e remontagens, em especial também de *O anel do nibelungo*. Mas o Rio de Janeiro também guarda outra interessante razão para essa iniciativa: já em 1857 o cônsul brasileiro residente em Dresden, Ernesto Ferreira-Franca, procurava convencer Wagner a compor *Tristão e Isolde* como uma ópera italiana, apresentá-la no Rio de Janeiro e dedicá-la ao imperador brasileiro Dom Pedro II. Conforme escreve Martin Gregor-Dellin (entre outros *Richard Wagner minha vida*, Munique, 1963), Wagner de fato deu ouvidos ao assunto. Acabou não acontecendo, mas mesmo assim Dom Pedro II viajou para Bayreuth em agosto de 1876, para presenciar a estreia do *Anel do nibelungo* na abertura do teatro Festspielhaus.

Assim, por diversas razões, parece apropriado e desafiador participar do Carnaval do Rio de Janeiro no âmbito do Ano da Alemanha, em 2013. Será, tanto do ponto de vista temporal quanto temático, uma contribuição muito bem escolhida.

Klaus Billand, Viena  
18 de novembro de 2010